



QUANTOS BURACOS? ANÁLISE DE UM CURSO DE PROTAGONISMO DE GÊNERO EM 14 FAVELAS DO RIO DE JANEIRO

Carla Moura Pereira Lima ¹

As mulheres inseridas em contextos onde há o predomínio de violências vivenciam variadas formas de opressão o que as coloca em situação de extrema vulnerabilidade social. Tais mulheres desempenham papéis secundários em comunidades empobrecidas, nas quais predomina o autoritarismo masculino. Zaluar² afirma que processos de feminilização e infantilização da pobreza ocorrem no Brasil, com o aumento da proporção de famílias cujas mulheres são as únicas provedoras e de crianças com menos de 10 anos nas famílias de renda mais baixa.

Tal realidade é percebida também em Manguinhos, na cidade do Rio de Janeiro. O complexo de Manguinhos é formado por 14 Comunidades e possui aproximadamente 48.500 habitantes. O seu Índice de Desenvolvimento Humano encontra-se entre os sete piores no ranking do município do Rio de Janeiro, num total de 161 bairros.

O cotidiano dos moradores dos territórios de favelas de Manguinhos é marcado por violento controle de suas vidas, pouco acesso a direitos sociais (moradia, educação, etc.), violação de direitos civis e políticos por aparelhos de coerção públicos e privados, alto índice de desemprego, predomínio de políticas públicas paternalistas e assistencialistas; cultura que incentiva ações fragmentadas e individualistas e criminalização dos territórios³. Devido a suas características se assemelharem as de muitas favelas nas grandes cidades, Manguinhos representa um microcosmo da desigualdade brasileira.

Além das dificuldades elencadas acima, em diversos momentos de diálogo com moradoras, desde 2008, predominava a constatação de uma desarticulação das mulheres pelas suas lutas em contraposição ao desafio do momento histórico inédito vivido em Manguinhos. Tal momento deve-se ao anúncio das obras do Plano de Aceleração de Crescimento (PAC), anunciado a partir de 2006. Desde então, a vida dos moradores tem sido profundamente afetada por promessas, boatos, desmentidos, informações distorcidas e muitas vezes a total ausência de informações⁴.

Mas nem sempre foi assim. Durante o processo de elaboração do Diagnóstico Rápido Participativo e da Articulação Comunitária num Fórum Regional, entre 1999 e 2001, houve a

¹ Doutoranda em Ensino em Biociências e Saúde. ENSP/Fiocruz. carlamoura@ensp.fiocruz.br

² ZALUAR A. Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro:Ed. FGV; 2004.

³ LIMA CM, BUENO, LB (orgs). Território, participação popular e saúde: Manguinhos em debate. Rio de Janeiro: ENSP/Fiocruz, 2010, p.104.

⁴ Idem.



identificação de grupos atuantes de mulheres como: Mulheres em Ação e a Associação de Mulheres da Comunidade Agrícola de Higienópolis. A partir dos contatos com e entre esses grupos, como também com outras lideranças femininas das comunidades surgiu o Coletivo de Mulheres de Manguinhos, que embora tenha atuado por apenas dois anos, reuniu por diversas vezes centenas de mulheres e grupos da região, além de ter realizado levantamentos sobre a situação das mães adolescentes, com a finalidade de implementar ações específicas para elas. Naquela época, a identificação das mulheres de Manguinhos como potencialidade local contribuiu para a modificação da correlação de forças do poder local, que era, de fato, exercido fundamentalmente pelos homens⁵.

Atualmente, observa-se que coexistem diversas realidades em Manguinhos. Mulheres se apresentam com discursos avançados, mas com um nível de submissão aos homens que se assemelha ao que vigorava na sociedade há dois séculos. Soma-se a isso a desigualdade entre homens e mulheres que ainda persiste no país. O rendimento das mulheres é 60% do rendimento dos homens no mesmo posto de trabalho⁶.

No intuito de oferecer uma formação que contribuísse para o protagonismo de gênero e conseqüentemente para a melhoria das condições de vida das mulheres e de desenvolver uma metodologia de trabalho com mulheres vulnerabilizadas socialmente, foi pensado o Curso Mulher Manguinhos. Trata-se de um passo na direção da ascensão do paradigma do feminino que prioriza o cuidado com crianças e jovens e que se indigna com as condições de vida é condição para um diálogo mais equitativo nesses lugares.

Dos procedimentos metodológicos e princípios subjacentes

O Curso Mulher Manguinhos é uma experiência de desenvolvimento de uma metodologia de Educação em Saúde para mulheres, na perspectiva da Educação Popular e (em) Saúde (EPS). Seguindo essa perspectiva, o curso foi elaborado coletivamente. Além das reuniões de discussão da sua coordenação colegiada que é composta por mulheres, técnicas da Fundação Oswaldo Cruz e moradoras do complexo de Manguinhos.

A perspectiva da Educação Popular e (em) Saúde se originou no início da década de 1990 e se rearticulou no final desta década com características de movimento social. Outros movimentos se originaram a partir daí e constituem uma grande “rede de redes” que se articulam em experiências locais, regionais e nacionais e também para a produção bibliográfica.

⁵ FUNDAÇÃO CENTRO DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS BENTO RUBIÃO. *Diagnóstico Rápido Participativo das Comunidades que compõem o complexo de Manguinhos*. Rio de Janeiro: FCDDHBR, mimeo, 2000.

⁶ BARBOSA B. *O ciclo da pobreza continua*. Agência Carta Maior [online]. 2006 [capturado 18 fev. 2006]; Disponível em: <http://www.ibase.br/pubibase/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=127&inford=1218>.



Segundo Marteleto & Valla⁷ essa diversidade de iniciativas vieram a formular certos princípios e práticas comuns ou semelhantes que configuram uma nova maneira de prestação de serviços de saúde pública, e de relação entre os profissionais e a população, o que representa uma ruptura com a tradição autoritária e normatizadora da educação em saúde.

A proposta da EPS baseia-se na configuração de práticas de participação popular que contribuam também para a democratização do acesso ao conhecimento e à aproximação da ciência ao cotidiano das pessoas. É importante destacar que a EPS carrega em si uma complexidade de relações em que estão presentes formas discursivas diversas e muitas vezes conflitantes entre si, numa arena de disputa simbólica, "por meio das quais se revela a polifonia de vozes do Estado, da ciência, do mercado, das entidades civis, dos grupos comunitários, das lideranças dos movimentos sociais".

Um dos fundamentos metodológicos originados a partir da perspectiva da EPS e orientam o Curso Mulher Manguinhos é o da Construção Compartilhada do Conhecimento, sistematizada no âmbito da ENSP/Fiocruz, resultante de uma investigação participativa desenvolvida pelo Núcleo de Educação, Saúde e Cidadania, no início da década de 1990. Metodologia esta que também é vista como um conceito que considera a experiência cotidiana dos atores envolvidos em práticas de educação e saúde e tem por finalidade a conquista, pelos indivíduos e grupos populares, de maior poder e intervenção nas relações sociais que influenciam a qualidade de suas vidas. Esta proposta implica num processo comunicacional, interativo e cooperativo e intencionalmente pedagógico, entre "pessoas ou grupos com experiências diversas, interesses, desejos, motivações coletivas"⁸. A construção compartilhada do conhecimento concebe o sujeito como o construtor do conhecimento, na medida em que observa, analisa as experiências de forma particular buscando compreender o mundo.

Em consonância com princípios como os descritos acima, o primeiro momento ampliado de construção coletiva foi a oficina "Coisa de Mulher". Durante o processo foram estabelecidas parcerias com mulheres engajadas em diversas áreas da vida comunitária desde a formulação da proposta, cuja participação se dará até a sua finalização.

Como resultado da oficina o curso ficou constituído em três módulos: "Ser Mulher"; "Ser Criança" e "Mulheres e Políticas Públicas". Os dois primeiros módulos aconteceram em 2009 e o

⁷ MARTELETO, R. M.; VALLA, V.V. *Informação e Educação Popular - o conhecimento social no campo da saúde*. Perspectivas em Ciência e Informação, Belo Horizonte, n. especial, p.8-21, jul./dez. 2003.

⁸ CARVALHO, MA; Acioli S, Stotz E. *O processo de construção compartilhada do conhecimento uma experiência de investigação científica do ponto de vista popular*. In: Vasconcellos E. *A Saúde nas Palavras e nos Gestos: reflexões da Rede Educação Popular e Saúde*. São Paulo: Hucitec; 2001.



terceiro acontece no segundo semestre de 2010. Cada módulo inicia-se com “Aulas Inaugurais” que mobilizam reflexões críticas e emoções incentivando à adesão ao módulo que se inicia.

O módulo Ser Mulher discutiu a condição da mulher moradora de territórios vulnerabilizados nos dias atuais. Seus temas foram: Ser mulher; Saúde integral; Sexualidade e saúde; Violências contra a mulher; Urbanização no Brasil e Manguinhos; Geração de trabalho e renda para mulheres e a crise econômica. Já o módulo Ser Mãe analisou a situação das mães e crianças em Manguinhos discutindo os seguintes temas: Ser mãe; Família; Agressividade e Sexualidade Infantil; Respostas comunitárias para a melhoria das condições de vida em Manguinhos.

Após o módulo II do curso, a coordenação percebeu a necessidade de mais um processo de construção coletiva para o Módulo III, em especial. Tal necessidade foi identificada principalmente em virtude da heterogeneidade dos níveis de escolaridade das participantes do curso e de seus diferentes níveis de engajamento. Objetivando reunir mulheres para discutir que discussões priorizar no tocante ao tema do módulo III “Políticas públicas e Mulheres”, foi organizado o “Encontro Mulheres fazendo da diferença em Manguinhos: refletindo sobre políticas públicas para o nosso futuro”.

Durante o curso realizam-se visitas a instituições formuladoras de políticas públicas e intercâmbios com projetos bem-sucedidos com mulheres em situação de vulnerabilidade social. Participam moradoras e trabalhadoras das 14 comunidades de Manguinhos e de adjacentes.

O vivenciar dos momentos que compõem essa formação trouxe diversos desafios e provocou reflexões acerca das construções erguidas no interior das mulheres ao longo da sua vida. Um exemplo escolhido aqui trata da pergunta de uma participante feita durante a aula sobre o tema Saúde e Sexualidade da Mulher.

Discutindo alguns resultados

Se não há espaços de diálogo com as mulheres na região, a ausência de oportunidades para interlocução a respeito de um tema repleto de tabus como o da sexualidade da mulher ainda é maior.

Tendo em vista a importância desse momento, a discussão foi encaminhada a partir de temas de questões de maior interesse das mulheres para que houvesse o maior aproveitamento possível dessa rara oportunidade para elas.

As mulheres optaram por priorizar: doenças sexualmente transmissíveis, em especial, AIDS e sífilis; camisinha; tabus e menopausa.



Conversou-se basicamente sobre saúde e angústias a respeito de outras doenças foram expressas.

“Eu sou diabética e sei que doença é terrível. Causa cegueira, coração (...) tudo”.

A dificuldade das pessoas das classes populares se aterem aos temas propostos são apontadas como dificuldades pelos profissionais de saúde, pois opõe-se à racionalidade técnico-científico que fragmenta o conhecimento que forma os profissionais de saúde. Aprender a perceber o mundo de maneira mais integrada e holística exige permanente disponibilidade, exercício e esforço por parte dos profissionais, porém tal postura é imprescindível para o desenvolvimento de processos de educação em saúde eficazes no âmbito do SUS. Para tal, faz-se necessário que essa atitude seja fomentada âmbito da formação futuro profissional, na qual de fato haja a compreensão da impossibilidade de se promover saúde isoladamente, e que por isso torna-se tão importante trabalho em equipe, onde a “inter, multi e transdisciplinaridade são essenciais para uma abordagem mais holística dos problemas”⁹.

O tempo de discussão, em sua maior parte, foi dividido entre informações sobre doenças sexualmente transmissíveis, com destaque para a AIDS e a Sífilis e discussão dos tabus que permearam a educação das mulheres do curso.

Sobre doenças sexualmente transmissíveis se tinha mais informações sobre AIDS do que outras como Gonorréia e Sífilis.

“Eu não sabia que sífilis dava em bebezinho (...) me assustei quando soube que ele estava internado com essa doença...”

Quando o assunto foi tabu, a AIDS foi citada como a doença que mais gera preconceito e as mulheres recordaram-se de vários como também do tratamento diferenciado dispensado aos gêneros em sua criação.

“Durante o namoro a gente tem que dar um chega prá lá no homem (...) só depois do casamento e o homem foi criado para pegar um monte sempre.”

“Meu pai não deixava eu namorar e eu andava com duas calcinhas e uma calça comprida.”

“Eu achava se um homem encostasse em mim eu pegava filho.”

“Menstruei com 15 anos e não sabia o que era isso. Achei que estava sangrando e ia morrer.”

⁹ Vasconcelos EM. Projeto de extensão universitária educação popular e atenção à saúde da família. Mimeo. UFPB: 2002,p.2.



“Muito tabu muito grande, eu não podia lavar a cabeça, nem ouvir e falar as palavras menstruação e outras.”

De forma geral, as dificuldades sofridas pelas mulheres para lidarem com sua própria sexualidade parecem corresponder com padrões presentes na cultura popular, de acordo com o momento histórico em que vivem, sua origem familiar e o pertencimento a lugares como favelas e zona rural onde há o predomínio da pobreza. Porém, um potente desafio à reflexão acerca das práticas de educação em saúde na Atenção Básica, como no Planejamento Familiar, foi ouvir a dúvida apresentada por uma participante do curso.

Essa mulher de quase 60 anos é uma imigrante, que reside em Manguinhos há mais de 10 anos e é avaliada como uma das mulheres mais articuladas do grupo. Possui ensino médio completo, se expressa com facilidade e demonstra domínio do uso da língua. Depois de já ter vivido em mais de dez estados do país, se estabeleceu em uma favela. Separada depois de ter passado por dois casamentos, mãe de uma filha e avó de dois netos, ela decide esclarecer uma dúvida antiga:

“Quantos buracos a mulher tem embaixo?”

Não só a educação em saúde precisa chegar e repensar suas metodologias, pois se dirige a mulheres como essa, como também coloca em cheque, entre outras coisas, a abordagem do corpo humano no ensino público, tanto o fundamental quanto o básico. O nível de autoconhecimento demonstrado por uma dúvida como essa apresenta potencial para despertar diversos sentimentos como frustração, horror e, sobretudo tristeza e indignação em qualquer educador ou educadora que leve a sério o seu trabalho. A má qualidade da educação oferecida pelo ensino público reflete apenas uma das conseqüências do que a desigualdade social causa.

Rocha¹⁰, entre outros autores, ressalta a importância das políticas sociais voltadas ao apoio a grupos sociais mais vulneráveis serem embasadas por uma caracterização dos pobres e dos principais determinantes da pobreza. No tocante ao Rio de Janeiro, a autora aponta para a necessidade de ações sociais em áreas de concentração de pobreza absoluta voltadas para os jovens e famílias chefiadas por mulheres com crianças menores de 10 anos, e especificamente às crianças nessa faixa etária, com garantia de acesso a serviços públicos de qualidade nas áreas de educação, saúde e promoção social. Esses serviços são tidos como de fundamental importância para a melhoria das condições de vida, no presente e no futuro.

¹⁰ ROCHA, S. *Pobreza no Brasil: afinal, de que se trata?* 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006. 244 p.



Analisando em âmbito geral o Curso Mulher Manguinhos, fica evidente que além de propiciar um espaço de formação e discussão das questões relativas as problemáticas enfrentadas pelas mulheres e crianças em Manguinhos, o curso já apresenta diversos resultados que indicam mudança na vida das mulheres envolvidas, como a formação e ampliação de novas redes sociais, além do aumento da sua participação na vida comunitária e nas atividades que discutem políticas públicas.

Os resultados iniciais também apontam que, a violência doméstica permanece gerando impasses para as mulheres e crianças que as sofrem. Os itinerários percorridos pelas mulheres em busca de lidar com as situações adversas são vários.

Para as mulheres das camadas populares, vítimas de violência doméstica, a procura por igrejas pentecostais e neopentecostais como forma de lidar com seus problemas tem crescido vertiginosamente, situação que se retrata no discurso religioso das participantes do curso.

São identificados outros múltiplos sofrimentos sobrepostos como: condições precárias dos serviços de saúde e educação; abandono pelos homens; violação de direitos como o de ir e vir; além da “lei do silêncio” que predomina em suas comunidades. Somam-se a isto os confrontos armados que vitimizam moradores não envolvidos com o tráfico de drogas, nos quais morrem homens jovens e afrodescentes. Tal situação tem impacto profundo na vida das mulheres, se constituindo como vulnerabilidade significativa, ao restringir a mobilidade e autonomia de todos. As dificuldades de acesso a justiça são impasses à dignidade.

Há mulheres que alegam ter filhos presos injustamente, outras que têm sua integridade moral questionada apenas por morarem em favelas. Expressam frustração diante de carências alimentares, materiais e emocionais.

Além do aspecto da indução ao protagonismo local, a experiência como um todo está sendo sistematizada de forma a contribuir para a sua replicação em outros contextos semelhantes, nos quais há o predomínio da pobreza e de violências.

Considerações Finais

Iniciativas como a de uma formação voltada para as mulheres em situação de vulnerabilidade social numa perspectiva emancipatória carregam em si a potencialidade de gerar inúmeras denúncias (no sentido Freireano) pelo acúmulo de informações acerca da precariedade das suas condições de vida. Tal potencialidade adquire força, pois tais informações são compartilhadas



por meio da fala de quem as vive, cujo detalhamento e aprofundamento de conteúdo e da mobilização de sentimentos ocorrem pela intensidade emocional das suas narrativas.

Além das denúncias, tais iniciativas também contêm anúncios, cujos iniciais já podem ser vislumbrados por meio da reflexão crítica acerca da experiência do Curso Mulher Manguinhos. Desde que se iniciou, o Curso Mulher Manguinhos tem sido identificado como o único espaço de formação, diálogo, partilha da região, tendo atraído inclusive lideranças de comunidades de outras regiões da cidade, pois também se ressentem dessa ausência de iniciativas semelhantes.

O Curso oportunizou o diálogo entre mulheres jovens e maduras, com diferentes trajetórias de vida. Além disso, renovou e enriqueceu as perspectivas de construção de ações coletivas em prol das questões femininas, a partir do contato e articulação de mulheres com diferentes níveis de engajamento comunitário.

Um aspecto da análise aponta para o êxito do Curso Manguinhos, faz-se necessário lutar cada vez mais para que o poder público faça a sua parte como: a implementação de sistemas de vigilância de violências sofridas e a qualificação dos profissionais para tal; a resolutividade dos serviços de saúde; a promoção de equidade social e igualdade de gênero.

Além disso, os profissionais envolvidos com educação e saúde precisam ser incentivados a desenvolver em seu trabalho uma educação transformadora e libertária, a que Paulo Freire chamava de 'permanente inédito e viável', dirigida à todos indistintamente, mantendo a sua vocação popular, em consonância com a perspectiva do protagonismo nas lutas pelo acesso aos direitos que lhes são historicamente negados.